

## RELATO DE VIAGEM

## INCIDENTE

Duda e eu há tempos planejávamos o passeio ao Rio de Janeiro. “Você, Carlos, que sempre morou em Minas Gerais, precisa conhecer a praia!”, era o que ela sempre me dizia. Compramos o pacote de viagem e mal podíamos esperar pelo dia 18 de abril, uma quinta-feira que, como querendo estragar o passeio, amanheceu chovendo! Embarcamos em Congonhas, às 6h. Apenas uma hora de voo, Rio de Janeiro com tempo firme.

O hotel ficava próximo ao aeroporto Santos Dumont, a quatro quilômetros de Copacabana. Levantávamos de madrugada todos os dias, chamávamos um uber e lá íamos nós, ao sol carioca. Chegávamos a tempo de assistir aos navios deixando o porto. Há barracas de frutas e de peixes fritos em, praticamente, toda a orla. Os guarda-sóis são disputadíssimos. A água morna quebrava-se na praia. Voltávamos à tarde. O caminho da volta parecia mais longo, por conta do nosso cansaço. Na madrugada seguinte, o espetáculo se repetia. Também fazia parte do plano de viagem a ida ao Museu Nacional de Belas Artes, ao Pão de Açúcar e à Pedra da Gávea; não foi dessa vez que voamos de asa delta – faltou-nos coragem!

No domingo, nosso último dia no Rio, resolvemos fazer o caminho a pé – que chato! A Sem que nem ao menos tivéssemos dobrado a esquina do hotel, a Duda caiu, torceu o pé. O incidente não foi tão grave, mas, por precaução, levei a Duda ao pronto-socorro. Uma radiografia, um analgésico resolveram o problema.

No retorno, o voo atrasou. Chegamos em São Paulo já passava da meia-noite – meu pai nos esperava no saguão desde às 19h. O passeio foi maravilhoso, apesar de que, quando chegamos em casa, a Duda começou a chorar – talvez de emoção, talvez de dor. O pé estava bem inchado.

(Por Gislaine Buosi)